

VOZ DE ANTAS

S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO I N.º 2
JANEIRO DE 1958

Composição e Impressão
Escola Tipog. da Oficina de S. José
= BRAGA - 24JA

A MAIOR GLÓRIA

PELO palco do mundo, caminhando para a Eternidade, têm passado milhares, milhões de seres humanos. Vieram das aldeias, das cidades, das grandes como das pequenas nações.

A maior parte viveu e desapareceu, sem que o mundo suspeitasse da sua existência. Outros, porém, realizaram feitos dignos de admiração. A História regista os seus nomes. Conquistaram glória e alcançaram fama!

Mas atende, amigo, ao que te vou dizer: toda essa fama e glória é fumo, é sombra, é nada, se a compararmos com a glória e nobreza que adquiriu uma criança há pouco baptizada! Tornou-se filha de Deus, sacrário do Espírito Santo e de toda a Santíssima Trindade, ficou a pertencer à Família Divina! E' esta a maior glória, que a mim como a ti, nos foi concedida um dia.

Foi talvez há vinte, trinta, quarenta, sessenta anos!... Ao fundo da nossa Igreja, lá se conserva ainda a Pia Baptismal, testemunha morta das realidades vivas que em nós se operaram. Sobre a nossa frente correu a água que limpou a alma do pecado, e no mesmo instante fomos integrados na grande família cristã. Participámos da própria natureza divina, começamos a viver verdadeiramente da própria vida de Deus.

Que grandeza e glória a de ser cristão!

Pela boca de nossos padrinhos, tomamos o compromisso sagrado de só a Deus servir e amar e de odiar tudo o que nos impedissem de realizar este nobre ideal. Fomos envolvidos com uma toalha branca, símbolo da graça santificante, ao mesmo

tempo que a Igreja, pela boca do sacerdote, nos dizia: "recebe a veste cândida que apresentarás imaculada no tribunal de Jesus Cristo.."

Crescemos para a vida. Começamos a ter consciência do nosso dever. Sentimos anseios de vida vivida segundo o Coração de Deus e tivemos de lutar contra o Oceano das paixões que procuravam matar a semente da graça que crescia em nós.

Felizes seríamos, se nessas horas em que dois mundos aparecem em luta dentro de nós - o do bem e o do mal - nos lembrássemos da palavra dada a Deus, da nossa dignidade e nobreza de cristãos e filhos de Deus! E se pensássemos que temos de viver de harmonia com essa dignidade! Só a vida vivida assim, é que é vida. De outro modo, é tempo perdido e caminho para a morte eterna.

Em Deus não há sombra de mudança; tudo se gasta como o vestuário, mas os seus anos jamais terão fim. Posso eu encontrar-me no mais afastado canto do mundo, longe da minha terra, longe dos meus, mas estou sempre

muito perto de Deus, pois que O tenho dentro de mim se O sirvo e amo. Vivendo assim debaixo do olhar de Deus, terei coragem para sudar a túnica branca que me foi dada no dia feliz do meu Baptismo e que tenho de apresentar imaculada no tribunal de Jesus Cristo?

Que nas encruzilhadas da vida, no meio do mundo em que tenho de viver, eu nunca me esqueça da minha Maior Glória!

*Não te confesses a Deus
Sómente a escuso e recanto;
Confessa Deus, alto e ao sol,
Qual faz a ave ao seu canto.*

*Crê na Fé! A Deus não julgues
Seus mistérios... Porventura
Sabe a flor que mão de amor
A orvalha e corta à mistura?!*

*Rezaí. A Oração, herdada
Que nos dá Nosso Senhor...
Terra igual; mais fruto, ou menos?
— Depende do lavrador.*

António Corrêa de Oliveira
(Do «Roteiro da Gente Moça»)

Com aprovação da Autoridade Eclesiástica

As Feiticeiras dos Portais de Filipe

Os Portais de Filipe, lá em cima na Senhora da Cabeça, não tinham boa fama. Dizia-se que à meia noite não era bom lá passar. E à volta da lareira, nos serões de inverno contavam-se casos. Dizia meu falecido avô, Deus lhe perdoe...

Mas o Zé da Fonte não tinha medo de feitiços nem de feiticeiras. Muito menos de almas penadas. Qual quê! Ter medo é dos vivos que os mortos "requiem eternam"...

Daquela vez era noite cerrada. Nem estrelas nem luar. O carro gemia lentamente, mal podendo com o carreto.

— Eh, anda boi.

A Costeira ficara para trás, negra, enterrada na sombra dos pinheiros. Dali aos Portais de Filipe eram dois passos. Aquela sombra alta era o muro, depois o portão. Mas o sítio, àquelas horas da noite, era realmente feio.

Nisto os bois pararam.

— Eh, anda!

E os bois não andavam.

— Mau!

Eis senão quando, do portão saem umas figuras brancas, esguedelhadas, que rodopiam e dançam em frente do carro.

— Santa Rita Milagrosa!

E uma voz cavernosa, vinda do mais fundo do inferno, faz arripiar os cabelos do pobre Zé da Fonte.

— Quem és tu?

— Eu sou. Sou... o Zé da Fonte. Deixem-me passar que em chegando a casa farei três novenas a Santo...

— Passarás. Mas terás que ter à porta, antes que rompa a madrugada, três cântaros de vinho, dois chouriços e um arrátel de toucinho.

— Três cântaros?...

— Três cântaros de vinho, dois chouriços e um arrátel de toucinho.

E as feiticiras desapareceram, rodopiando e dançando na noite, portais a dentro.

E o carro seguiu, gemendo lentamente mal podendo com o carreto.

— Três cântaros de vinho! Ele que só tinha aquele barrilzito que não vendera para aconchegar o estômago num dia de maior fraqueza! Grandes bêbadas! Não sois vós que haveis de provar o meu vinho. Nem o chouriço. Muito menos o toucinho. Era o

que faltava: matar-se um homem a trabalhar para alimentar vícios de feiticeira, não?

Eh, anda boi.

* * *

Chegou tarde a casa. Desaguou o gado, engramilou o portal.

— Imagina mulher o que me aconteceu! Ia a passar nos Portais de Filipe.

— Santo Nome de Jesus!

— E aparecem-me para cima de 100 feiticeiras, vestidas de branco, esguedelhadas, a dançar e a rodopiar. Parecia o inferno em pessoa.

— Santíssimo Sacramento! E tu não morreste com o susto?

— Cala-te. Bem sabes que não tenho medo a nada. E aquelas grandes ladras mandaram-me pôr à porta, antes da madrugada, três cântaros de vinho, dois chouriços e um arrátel de toucinho. Mas não se põe nem uma pinga.

— O' homem, se elas mandaram...

— Somos muito ricos não? E depois com que havemos de aconchegar o estômago num dia de maior fraqueza?

— Ter questões com essa gente não é nada bom. Contava minha avó, Deus lhe perdoe...

— Schiu. Está dito: Nem uma gota.

Cearam, rezaram, lavaram os pés.

— O' homem põe ao menos um cântaro.

— Não se encerta o barril.

— Ao menos um quartilho.

— Nem meio.

— Zé.

— Não.

* * *

Dormiam. Alta madrugada a mulher sonha com as feiticeiras. A adega ficava mesmo ao lado da coziuha. Já devia ter rompido a madrugada. Levanta-se devagarinho, abre a porta e...

— Aqui d'El Rei. O' Zé, Zé, ó Zé.

— Hum... doi-te alguma coisa — rosnava o marido, virando-se para o outro lado.

— Acorda Zé, as feiticeiras estão todas na adega a contas com o vinho.

— Estás parva.

— Depressa, Zé. Ajuda-me a segurar a porta que eu só não posso.

O Zé da Fonte salta da cama, enfia as calças, abre a porta devagarinho e espreita.

— Não abras Zé, que elas entram e derrefem-nos.

(Continua na quarta página)

O Santo do Mês

S. Sebastião

Abrimos esta secção do nosso jornal pela vida heróica de um santo, mártir, tanto da devoção do nosso povo e da gente da nossa terra — S. Sebastião.

“A propósito ocorre-nos uma anedota que ouvimos no tempo de estudante.

Foi num dia de grande solenidade em honra do glorioso Mártir. O prégador sobe ao púlpito e enquanto o grupo coral atira ao ar um estridente e esgançado Ave Maria, os seus olhos deparam com esta legenda dourada — escrita em grandes letras, pelo armador, na ornamentação vistosa de arco cruzado: “Honra aos Mártires! S. SEBAS-TIÃO...”

Sem reflectir, pensa para consigo: afinal são dois os santos. E ei-lo que principia: vejo, piedosos ouvintes, que contrariamente ao que me haviam informado, são dois os santos que hoje aqui comemorais S. Sebas e S. Tião!...

Uma gargalhada geral ecoou por toda a Igreja, deixando o prégador confundido...

E' desse glorioso mártir — S. Sebastião — sem o traço que originou a atrapalhação e confusão do dito prégador, que hoje queremos falar e expor à vossa consideração e imitação...

Sebastião, um jovem que seguindo a carreira das armas pela sua conduta e aprumo, bem depressa chamou a atenção dos seus superiores, granjeando a sua estima e confiança, sendo promovido ao posto por todos ambicionado — efectivo da guarda imperial — chegando a ocupar o posto de capitão da dita guarda.

Era no reinado de Diocleciano, o cruel Imperador das sangrentas perseguições desencadeadas por todo o Império contra os cristãos.

Como homem de confiança do próprio Imperador, já pelo cargo que ocupa, já pelas nobres qualidades de carácter, Sebastião não pode ficar insensível ao sofrimento que o rodeia na pessoa de seus irmãos — os cristãos.

Estamos no auge das sangrentas perseguições. As memórias do Império estão atulhadas de cristãos inocentes e indefesos, quantos deles marcados já pelos estigmas de inauditos tormentos. Outros, porém, vêm-se pela vez primeira na terrível alternativa de, ou renegar a sua fé, ou sofrer o martírio.

E' para estes dum modo especial que vão as atenções e cuidados de Sebastião. A sua presença e as suas palavras são bálsamo para os que sofrem, firmeza para os que temem.

Chegou também o momento de Sebastião confirmar com sua vida o que prégava em suas palavras.

FESTAS DO NATAL

Mais um Natal passou... mas a graça do Senhor ficou em todos os corações de boa vontade.

◆ A festa do Menino Jesus celebrou-se no dia 5 de Janeiro; prégou o Sr. Reitor de S. Romão.

◆ No dia 27 foi o Lausperene. A's 17,30 horas do dia 26 foi celebrada a Santa Missa e no fim foi exposto o SS.º Sacramento; ficou em exposição até à mesma hora do dia 27. Durante a noite, os homens, agrupados por lugares, adoraram o Senhor. Como via o fervor com que todos rezavam e cantavam.

Certamente, esse dia foi de bênçãos para cada um, para todas as famílias e para a nossa terra.

E' denunciado ao Prefeito e terá de responder na presença do Imperador.

Diocleciano informado das actividades de Sebastião nem quer acreditar. E' lá crível, diz ele, que tu o moço capitão da minha guarda faças côro com esses miseráveis inimigos dos nossos deuses e do nosso Império?

E' a plena verdade, responde Sebastião, porque também eu sou cristão.

Preso ao tronco de uma árvore, arrancam-lhe as insígnias militares e uma chuva de setas cai sobre ele, deixando-o inanimado.

Enganou-se o Imperador. Uma piedosa mulher de nome Irene, que pela calada da noite procura o corpo do Mártir para lhe dar sepultura condigna, nota com alvoroço que Sebastião ainda tem vida. Leve-o pressurosa para sua casa, e, por milagre divino, recupera a saúde.

Corajosamente Sebastião vai mais uma vez enfrentar a cólera do Imperador, exprobando-lhe a sua má fé e crueldade para com os inocentes cristãos.

Aterrado pela sua presença, pergunta-lhe Diocleciano:

Não és tu, porventura, aquele Sebastião a quem eu mandei matar?

Sou eu mesmo, majestade. Mas é que o meu Senhor e meu Deus a Quem sirvo e amo de todo coração quis conservar-me a vida para que visses e reconhecesses quão injustamente procedes com essa tua crueldade e cegueira.

Diocleciano grita pelos seus homens de armas e dá ordens para que mais uma vez lhe acabem com a vida.

Os soldados arrastam-no para o campo e aí, às bastenadas, é consumado o glorioso martírio deste jovem heróico na sua fé e na defesa dos direitos invioláveis de Deus.

Oxalá o exemplo da sua vida sirva para despertar a nossa mocidade desse marasmo em que por vezes se encontra perante as realidades divinas e as verdades da nossa fé.

RINEIVA

CARIDADE

Desde o dia 17 de Novembro, diàriamente, é distribuída a cinquenta crianças uma merenda composta por: leite, pão e queijo. Estes alimentos são dados pelo povo Norte-Americano por intermédio da Caritas Portuguesa.

= No Ano Novo foram distribuídos 20 bodos aos pobres. Vieram do Governo Civil.

= Um benfeitor entregou-nos 50\$00 para distribuir. Assim fizemos.

= A Esposa do Snr. Capitão Fonseca distribuiu muitas consoadas a pobres da nossa terra.

Bem haja.

= Nesta terra, onde o amor do próximo é uma realidade, onde cada um se sente obrigado a socorrer o vizinho doente ou necessitado, há duas famílias a quem o Senhor deve muito, e para quem os pobres são familiares. O nome não é necessário dizê-lo, vós o dissestes a mim.

Que o Senhor as ajude e que aos pobres não falte pão.

NOTICIÁRIO

Baptizados

Norberto da Rocha Meira, filho de Norberto Rodrigues Meira e de Maria Gramosa da Rocha, residentes no lugar de Guilheta. Nasceu no dia 3/12, e baptizado em 8/12.

Maria Alice Rolo Torres e Maria Amélia Rolo Torres, filhas de Domingos José Eiras Viana Meira Torres e de Maria Alves Rolo. Nasceram a 13, baptizadas a 14 e faleceram a 21 de Dezembro.

Carlos Eduardo da Cruz Miranda, filho de Manuel Alves de Miranda e de Ana Alves da Cruz, do lugar de Pereira. Nasceu a 18/12, e baptizado a 22.

Maria Celeste Ribeiro dos Santos, filha de Eugénia Ribeiro dos Santos.

Lucinda Maria Daniel de Gregório, filha de Augusto Ferreira de Gregório e de Maria Celeste Alves Daniel, do lugar de Guilheta. Nasceu a 3/12 e baptizada em 27/12.

1957 :

Baptismos — 62
Sexo masculino — 32
Sexo feminino — 30

Mais seis que no ano anterior.

Casamentos

Manuel Pires e Amélia Viana Caramalho, de Guilheta.

— No dia 28 de Dezembro o nosso companheiro David Gonçalves Caramalho, consorciou-se com Cândida Maltês Torres. Este nosso amigo foi sempre bom companheiro e, nós, certamente, também em vosso nome, lhe desejamos muitas felicidades.

Aproveitamos a ocasião para a todos saudar, dum modo especial aos da Argentina, Brasil, França e Canadá. Para todos um grande abraço.

Pela J. A. C. — *Valdemar Azevedo Neiva*, secretário

1957 :

Casamentos — 11

Menos três que em cinquenta e seis.

Óbitos

Em 1957 : 27 — Sexo feminino, 14; masculino, 13. — Mais de 60 anos, 13; Crianças, 12.

Ana Rodrigues da Costa, de 66 anos, casada com António da Costa Maciel, do lugar de Guilheta. Faleceu em 1 de Janeiro do corrente ano.

Doente

Encontra-se doente desde 5 de Dezembro o Sr. Manuel Pereira Viana, dig.^{mo} Presidente da Junta.

No momento em que escrevemos, (11/1) já se notem algumas melhoras.

Correspondência

Trouxe-nos o Correio notícias de alegria causada pelo aparecimento do nosso "pequenino jornal", no Canadá, França, Lisboa e Porto. Acusamos com prazer a recepção.

Do Ex.^{mo} Sr. João Correia de Oliveira, recebemos uma carta com a consoada para o jornal. Se Sua Ex.^{cia} nos der licença, publicaremos a referida carta no próximo número.

Recebemos alguns pedidos do Jornal e... para mandar à cobrança.

O *Jornal não tem preço*. A todos é enviado e dos que poderem se espera ajuda para o podermos sustentar.

Obras na Igreja Paroquial

A tarde do dia 31 de Dezembro, dia de S. Silvestre, foi de Festa. Sabeis a razão? Mais de 100 carros e um tractor foram à praia carregar areia para as obras. Em todos, junto com o suor do trabalho, se via o sorriso de alegria por trabalhar para a Casa do Pai.

Que o Senhor viva sempre no meio de nós!

As Feiticeiras dos Portais de Filipe (Continuação da 2.ª página)

— Cala-te bruta.

E saiu cautelosamente com um tamanco na mão, a olhar para todos os lados

— Ai Jesus, quem me acode.

E o velho desata a correr para o quarto, tropeçando no banco, calcando o gato, tornando o balde das lavagens, esborrachando-se contra o louceiro.

— Ai meu narizinho... Se as visses, Ernestina... Eram as mesmas, as mesmíssimas.

E os dois valentes viraram se a segurar a porta com todas as suas forças de velhos a prever qualquer invasão.

Quando o dia entrou pela janela da

cozinha, o barril tinha desaparecido da adega. E os chouriços e o toucinho.

— Um barrilzinho por encertar, mulher...

— Por encertar...

Lá no fundo para trás do areal da praia, o mar cantava, a anunciar tempo sul.

* * *

Os mais idosos talvez ainda se lembrem do Zé da Fonte. Era muito avaro. Escolas aos pobres não as sabia dar, nem os vizinhos lhe deviam favores. Foi por isso que um grupo de rapazes se vestiu de branco para lhe pregar um susto. Um susto e uma lição.